

05 . 07 . 2021

Mágica da EJA

Escreve, escreve, escreve... Por alguma razão me parece que a aula de hoje é importante, já que ela não para de fazer anotações, me sinto especial pois é a primeira vez que estou sendo utilizado. Isso é muita coisa para mim, um caderninho de bolso, pequenininho, de uma cor azul pastel, porém com um belo adesivo de uma garota misteriosa com um pássaro e flores e com o escrito em letras garrafais **"ESTÁGIO"** - o que isso significa? Eu sei lá, pois só sei o significado do que está explicado dentro de mim, já que sou apenas um caderno... Mas sou um caderno muito importante, como já comentei.



Aqui da mesa, onde estou colocado, quase não consigo ver muita coisa, mas às vezes sou levantado e posso observar que há várias pessoas dentro desse objeto que os humanos chamam de "computador", nessa telinha pequena há pelo menos seis pessoas que eu consigo ver... vai entender como cabe tanta gente aí, eu mesmo não entendo. Três dessas pessoas não param de falar, acho que são o que chamam de "professor", um dos quadradinhos é minha humana, ela fica engraçada quando está nervosa, sorrindo de um jeito desconsertado O que eu sei sobre essas coisas é que meus amigos, livros, têm perdido a atenção dos humanos para esses outros objetos... como é mesmo o nome? Ahhh é... computador, como eu já disse. Desculpem, o barulho dos humanos conversando entrecorta meus pensamentos.



Pois bem, segundo as palavras que a senhorita lapiseira escreve, como que dançando, belíssima e graciosa, sobre minhas linhas, a aula de hoje é sobre **Geografia Agrária**, que conversando com minha família de cadernos- sim, é isso que nós fazemos quando vocês param de nos utilizar, humanos- eles me explicaram, se trata do estudo da forma de produzir e vender alimentos e todos os problemas em torno disso, como o desmatamento, a poluição dos rios, as disputas por terra... Humanos e suas complexidades, não é mesmo?

No entanto, acho que isso não é o mais importante, já que a maior parte das anotações, setas, asteriscos etc. que ela, minha humana, faz são sobre os alunos

(achei que ela era aluna, acho que meu tio, outro caderno, como eu, é claro, deve ter se enganado) ficarem escrevendo no chat, acho que esse tal de chat é como um caderno digital onde todos podem escrever – ONDE JÁ SE VIU UM ABSURDO DESSES? O mundo não é mais o mesmo...

- *Escreve, escreve, escreve* – Pois bem, e eu que achava que as pessoas falarem e escreverem umas por cima das outras era algo problemático, pelo visto não é mais – ~~eu~~ será que NUNCA foi?

▶ *Alunos se interessam pois os temas estão diretamente relacionados ao cotidiano dos alunos*

▶ *Conversas no chat → Possibilita/facilita a*

GEOGRAFIA DAS SUBJETIVIDADES

Nesse dia eu não entendi nada do porquê dessas anotações ou o que elas significavam, algumas aulas depois- ou melhor, algumas PÁGINAS depois, ela define essa situação, vivenciada lá na primeira página como a “*Mágica da EJA*”

O que isso significa eu não sei, mas deve ser algo ~ importante~, pois só sei que os humanos não costumam achar **nada** mágico. Eu, como um caderno, bem sei como é difícil agradá-los... muitas vezes eles usam tanto a borracha que acabam rasgando minhas belíssimas folhas- BLÉH, eu ~~ODEIO~~ a borracha, se acha superior só porque apaga os erros dos humanos. Grande coisa, sem mim ela não teria nem superfície para apagar... Isso quando eles não usam o corretivo, nossa, é péssimo! Estraga toda a beleza das minhas folhas, apaga minhas linhas, fica uma coisa horrorosa. E tudo isso para que? Só para corrigir seus erros, como se não fosse algo comum entre eles, ficam escondendo seus erros uns dos outros, mas todos eles sabem que erram... Bom, como eu dizia, agora vocês veem como para eles nada (ou quase nada, nesse caso) pode ser chamado de mágico **?!?!?!?**



Bom, depois de procurar em outras páginas e consultando os meus amigos e parentes cadernos, eu descobri que **EJA** se refere ao Ensino de Jovens e Adultos e que ~Geografia das Subjetividades~, nos escritos, tem relação com os alunos, aqueles mesmos que ficavam de conversinha no chat, trazerem sempre para as aulas, independente de qual seja o tema, coisas que eles vivenciaram no seu cotidiano. Aproximando os conteúdos científicos e acadêmicos das suas próprias experiências.

Pelas vezes em que as palavras *subjetividade* e *cotidiano* apareceram em minhas folhas, também ouvindo as conversas da minha humana- me envergonho disso, mas às vezes até a vida de um caderno, **ACREDITE SE QUISER**, pode ficar entediante- acredito que isso aconteça com muito mais frequência na EJA, ou seja, os alunos trazem sua experiência para as aulas com uma facilidade maior do que os outros alunos.

Então, quer dizer que, vocês humanos, acham *mágico* tratar de assuntos banais em espaços de aprendizado coletivo????? Assim, eu não passo de um simples diário???- **ARGH**, eu NUNCA vou compreender vocês, ainda bem que sou apenas um caderno! Ah... um caderno TALVEZ nem tão importante assim... um simples diário... que OFENSA!



Eram oito e meia da manhã e o despertador já havia tocado três vezes.

Eu me preparava para deixá-lo tocar mais umas vezes, mas daí me lembro que hoje tem aula do Cazé e costuma durar até às 11 horas. Engraçado como todos os meus professores de português sempre gostam muito de falar, o Cazé não é diferente... Bom, acho melhor comer algumas bolachas e lavar o rosto para a aula.

Enquanto ia comendo me recordo que a aula de hoje vai ser diferente com aquela aluna da Unicamp, vamos continuar aquela atividade sobre espaço e literatura, eu fico me perguntando o que uma coisa tem a ver com a outra... Poxa, esqueci de colocar meu nome e de meus amigos nos grupos para a atividade.

Que droga! Vou fazer isso agora, espero que dê tempo.

Checo o celular, confirmo que ninguém se lembrou de colocar os nomes na planilha. Vou enviar uma mensagem no nosso grupo avisando que já fiz isso.

Passados alguns minutos, olho para o celular e já são 9:08, quase na hora da aula, sinto o celular vibrando - ah, é o Paulo! -, acordou atrasado como já imaginava, espero que ele vá na aula, ele que manja de escrever bem, usa umas palavras bonitas. Eu não gosto tanto de escrever, prefiro matemática e química.

Entro no Meet, já tem bastante gente, o professor Cazé e os estagiários estão conversando algo, vou aproveitar para ver se o Paulo mandou algo no grupo. Ele e os outros meninos já está entrando, que ótimo! Está um tempo de chuva, espero que não chova porque a internet fica muito ruim.

Depois de uma explicação sobre a atividade- não sei se entendi muito bem - vamos para as salas começar a trabalhar, ainda bem que o Paulo está aqui, ele vai poder escrever e eu só irei ajudar quando necessário. Pegamos o vídeo de um campo de futebol para escrevermos sobre, achei legal, gosto de esportes. Educação física é bem mais legal que português. Quer dizer... não tem sido tãoooooo legal nesse ensino remoto. Espero que ano que vem as aulas sejam presenciais.

Acabamos. Vamos chamar o professor aqui na sala para ele ver.

Novamente vem a estagiária, ela comentar que não fizemos o que foi pedido, que não escrevemos como era esperado, isso porque não deixamos evidente que é o espaço que causa emoções nas pessoas, o espaço que executa as ações. Eu já achei demais, o Paulo escreveu tão bem! Abro o microfone- "Eu não acho que funciona assim, as pessoas vão lá porque elas querem, o espaço não é o motivo para as pessoas irem lá".

Ela explica que isso é o que a gente pensaria normalmente, mas que a proposta da atividade é exatamente pensar no espaço como um personagem e não apenas como um cenário onde

acontecem as ações, mas que o espaço também pode provocar reações nas pessoas. Se estamos em um lugar onde há muito sol, costumamos ficar mais alegres, mais agitados, no caso do campo de futebol, todos os elementos do espaço nos dão vontade de jogar, brincar...

Eu ainda estava processando o que ela falava, mas o Paulo já estava reescrevendo o texto. Me tranquilizei, vi que ele e os outros colegas tinham entendido o que era para ser feito. Ficou combinado que eu leria o texto para a turma, já que eu não tinha escrito muita coisa.

Apresentamos o novo texto, fiquei tão nervoso por ter que ler - eu não gosto de abrir o microfone, prefiro digitar no chat-, até falei uma parte errado, mas acho que eles gostaram. Além dos comentários positivos que o professor e a estagiária estavam fazendo, ela não parava de sorrir. Espero que eu tire uma boa nota, se bem que... será que essa atividade valeu nota?

O caso do grande, gordo, cinza, redondo e morto elefante!

Paulo Rufino

A solidariedade não mais importava em toda a cidade de Desejo. Pois, como podemos pensar em uma situação como essa já que “O caso do grande, gordo, cinza, redondo e morto elefante” suscitava e mobilizava toda a comoção social dos munícipes de Desejo.

O respeito e as práticas horizontais, aprendendo e se relacionando com o outro poderiam ser manchete, quando o caso do grande, gordo, cinza, redondo e morto elefante demonstrava que todas as pessoas poderiam se juntar, de mãos dadas, a mídia toda cobrindo esse fato e ouvindo os desejos da cidade?

A fome, as doenças, a “boiada que passa”, o estudo que pode ser delegado ao(s) pai(s), em casa mesmo, no seu cantinho particular no barraco de dois cômodos com três irmãos e a mãe que foi abandonada, será que algum dia teve amparo, teriam que esperar a resolução do caso do grande, gordo, cinza, redondo e morto elefante.

Ao final, depois de analisar, fazer testes, promover uma caçada ao possível suspeito que seria responsável pelo caso do grande, gordo, cinza, redondo e morto elefante, descobriu no sótão de uma casa, ali, extremamente escondido, mas ainda com marcas de sangue seco.

Era uma havaiana, um pé esquerdo, a criminosa. Pouco importava o motivo, *modus operandi* do assassino, ou seriam assassinos no plural. O fato é que toda a mobilização logrou sucesso, o caso foi resolvido, a havaiana presa, o pé direito agora ficou livre de sua opressiva metade negra, enfim, a moral foi vitoriosa.

As lideranças de Desejo, após tão frutífera e rápida resolução do caso do grande, gordo, cinza, redondo e morto elefante, decidiram demarcar isso em sua história, demonstrando que o mal não teriam vez em sua cidade. E hoje, oficialmente o município de Desejo muda seu nome para

Pulo do animal

Renato Consorti Canavese

Tarde fria e estranha para agosto. Mas esses últimos anos foram estranhos. O que se esperava, o que estava planejado não aconteceu. Esperava passar os últimos anos da escola com amigos, alguns professores, outros eu agradeço por não ter visto mais. Mas fui jogado para assistir horas de aula pelo celular. E aqui estou em mais uma sexta-feira e a última aula da semana está começando. “Democracia e Cidadania” ou “Cidadania e Democracia no Brasil”, nunca lembro. O Brasil se esquece da ordem também.

Deito na cama atrás do fone de ouvido, a bateria do celular está cheia. Vai ser bom ficar deitado enquanto a aula vai rolando e vou ouvindo.

- O que é política? - pergunta o professor.

Silêncio, enquanto todos esperam alguém ter a coragem para responder.

- Política não é... não sei... aquilo que organiza a nossa vida?

Ainda bem que sempre tem a colega que toma para si essa dor de conversar com os professores. Eu me perco nas informações, divagações, notificações, distrações. É como se eu não estivesse no mesmo lugar. Flutuando em uma neblina de palavras.

- ... é por isso que a eleição do Lula é tão significativa para a democracia brasileira...

Perdido nos pensamentos eu volto.

Política: heróis, inimigos, paixão, ódio, projetos, interesses. Já vi conversas assim antes. Qualquer nome desperta emoções. Quem estava na toca responde como um animal que ouve um invasor: as orelhas sobem atentas, engatinhando para a hora do bote.

- ... mas agora, para encerrar a aula: vocês acreditam que vivemos em uma democracia?

Sento para ouvir melhor, falar mais:

- Acho que ainda não... dá para melhorar né? Como vocês falaram, nem todos têm todos os direitos garantidos.

- Sim, Giovana, com certeza. - responde o professor satisfeito que algumas das suas palavras foram ouvidas - Ainda mais nessas últimas semanas que o chefe do executivo vem usando as manifestações do 7 de setembro para atacar ou outros poderes, pedir fechamento do STF, intervenção militar. Isso é uma ameaça ao próprio jogo democrático.

Escondido do buraco, camuflado na foto de perfil da irmã, o animal pula.

- Se o povo pede intervenção militar é democrático sim! O que não é democrático é essa ideologia que os senhores ficam pregando em sala de aula!

O Brasil se esquece muito rápido.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

OLIVEIRA JUNIOR, W.M. Encontros em zonas de fronteiras: contaminações entre estágio supervisionado e linguagens. **Leitura. Teoria & Prática**, v. 35 n. 69, p. 133-147, 2017. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/564> Acesso em 19 nov. 2021.
